



**ASSOCIAÇÃO  
ANIMAIS  
DA QUINTA**

# LATIDOS

*Edição de  
Agosto 2025*

## EDITORIAL

Pedrógão Junho 2017

Tenho bem presente esta data e as mortes e destruição causadas pelo fogo.

Rede Siresp, que tinha custado centenas de milhares de euros que não funcionou.

Comandos descontrolados, falta de meios, entre outras causas.

Agosto 2025

Mais do mesmo, excetuando poucas mortes e poucas casas ardidas.

**Nesta edição:**



## O DRAMA E O NEGÓCIO DOS INCÊNDIOS

Portugal esteve de novo flagelado pelos incêndios, que percorreram o país de norte ao centro.

Acredito que muitos são originados por incendiários, por iniciativa própria ou a mando de alguém.

Felizmente as vítimas humanas e bens materiais foram inferiores ao dramático ano de 2017.

Mas há mais vítimas, não contabilizadas. Para além da floresta e a sua biodiversidade, foram carbonizados muitos animais. Em vacarias e poilgas, cães acorrentados. A floresta, perdeu coelhos, javalis, veados, abelhas, pássaros, entre outros que viviam nas terras agora reduzidas a cinzas. A floresta regenera, mas os animais não ressuscitam.

Convém fazer alguma reflexão sobre este fenómeno anual.

- Não comento a alternância de sucessivos governantes que substituem os mais capacitados em proteção civil por outros, seus amigos, mas inexperientes.

- Não comento a aflição de populações a ver o fogo a avançar, com bombeiros ao seu lado, sem intervir por aguardarem ordens superiores.

- Não comento a complexa organização dos meios de comando e o seu desnorte.

- Não comento os aviões em terra por se encontrarem inoperacionais, mas que continuamos a pagar.

- Não comento as brigadas privadas de combate a incêndio, que ficariam no desemprego se não houvesse fogo.

Muito mais haveria para dizer, mas fico-me pela homenagem aos populares, bombeiros, GNR, que arriscaram a vida pelo próximo.



## Morte no Campo Pequeno expõe a contradição das touradas

O forçado Manuel Trindade, um jovem de apenas de 22 anos, perdeu a vida no dia 23 agosto, à noite, durante uma pega na praça de touros do Campo Pequeno, em Lisboa.

Uma notícia triste que traz de volta a questão central: Que lugar podem ter, numa Europa moderna e desenvolvida, "espetáculos" como estes, que transformam o sofrimento animal e o risco humano em diversão?

A tauromaquia, apresentada por alguns como "herança cultural", traduz sobretudo a permanência de práticas violentas, difíceis de conciliar com os valores de uma sociedade que afirma respeitar a dignidade da vida.

Portugal distingue-se, pela negativa, como um dos raros países europeus onde esta prática continua legalmente autorizada e, em muitos dos casos, beneficiando de apoios públicos e reduções de impostos.

Enquanto se enaltecem, e bem, avanços nas áreas dos direitos humanos, da ciência e do bem-estar animal, subsiste um espaço absurdo onde a crueldade continua a ser estetizada e legitimada.

A tragédia desse dia torna evidente, de novo, a incoerência de se manter uma "tradição" que custa vidas humanas e perpetua o sofrimento de touros e cavalos, e levanta uma interrogação inevitável: Até que ponto a invocação da palavra "cultura" pode servir de escudo ético para práticas que o tempo já expôs como absolutamente anacrônicas?

Texto de Jose Alberto Rocha

